



Sucessos da crítica

Até o dia 22 Caixa Cultural Rio **exibe os melhores filmes de 2025 a preços populares.** Seleção de títulos da mostra é assinada pela **Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro.** Destaque maior é de **‘O Agente Secreto’**, eleito o filme do ano. Págs 2 e 3

Cinemascópio



O Agente Secreto

O melhor do cinema de 2025 até o dia 22

A tradicional mostra da associação de críticos chega à Caixa Cultural com 17 filmes, homenagens e atividades formativas a preços populares

AFFONSO NUNES

H

á mais de duas décadas consolidada no calendário cultural carioca, a Mostra Os Melhores Filmes do Ano retorna em 2026 com uma programação que reúne o melhor da produção cinematográfica do ano anterior tem início nesta terça-feira (3) na Caixa Cultural. Até o dia 22, com uma pausa no carnaval, serão exibidos 17 filmes a preços populares: R\$ 10 e R\$ 5 (meia).

A seleção de títulos é da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ). Dez foram eleitos democraticamente pelos integrantes do coletivo e os outros sete filmes foram escolhidos para homenagear personalidades fundamentais do cinema mundial que faleceram no ano passado. Entre os homenageados estão os cineastas Cacá Diegues e David Lynch, além dos atores Diane Keaton, Gene Hackman e Robert Redford. O documentarista Silvio Tendler também integra a lista de reverenciados. A cada exibição, bate-papos com críticos da ACCRJ aprofundam a experiência do espectador, reforçando o papel formativo da entidade.



Guillermo Garza/Divulgação

O Último Azul



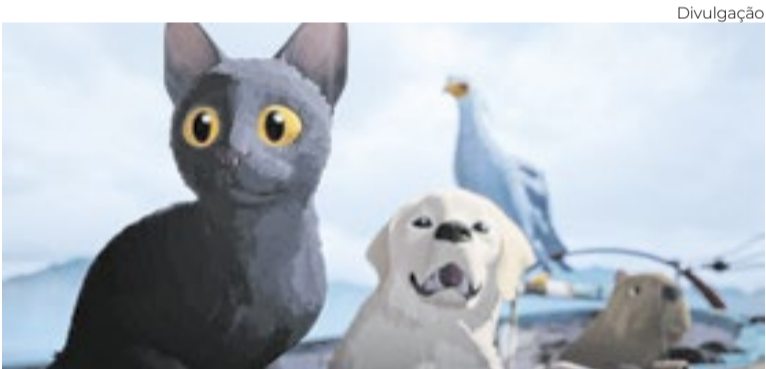
Pecadores



Anora



Conclave



Flow



A Hora do Mal



'Uma Batalha Após a Outra'



Superman

O protagonismo do cinema nacional se faz presente logo no topo da seleção. “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, foi eleito o Melhor Filme do Ano pela ACCRJ, consolidando a relevância internacional do realizador pernambucano. Ao lado dele, a programação traz outros títulos nacionais de peso, como “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, que também figura entre os destaques da curadoria.

Entre as produções estrangeiras, a mostra privilegia trabalhos que ocupam espaço de destaque nas principais premiações internacionais. “Pecadores”, de Ryan Coogler, “Conclave”, de Edward Berger, “Superman”, de James Gunn, e “Uma Batalha Após a Outra”, de Paul Thomas Anderson, integram uma seleção eclética que transita entre diferentes gêneros e propostas estéticas. Completam a lista “A Hora do Mal”, de Zach Cregger, “Anora”, de Sean Baker, a animação “Flow”, de Gints Zilbalodis, e “Setembro 5”, de Tim Fehlbaum.

A diversidade das escolhas evidencia o esforço da curadoria em contemplar tanto o cinema de autor quanto produções de maior apelo comercial, sem abrir mão do rigor crítico.

Segundo Ana Carolina Garcia, presidente da ACCRJ, a mostra “reúne títulos de gêneros variados que proporcionam ao público uma experiência cinematográfica completa, ao mesmo tempo em que celebra a expressão autoral em um momento em que as salas de cinema enfrentam desafios históricos”. A declaração sintetiza o espírito do evento, que se posiciona não apenas como vitrine de excelência cinematográfica, mas também como ato de resistência cultural em tempos de transformações radicais no mercado audiovisual, marcado pelo avanço das plataformas de streaming e pela queda na frequência de espectadores nas salas tradicionais.

A programação paralela reforça a dimensão formativa da iniciativa. No dia 3 de fevereiro, às 19h, acon-

tece a mesa de debate “A Importância do Cinema nos Dias de Hoje”, que propõe reflexão sobre o papel da sétima arte como linguagem artística e espaço de convivência cultural. O encontro reúne o produtor Christian de Castro e a crítica Luciana Costa, com mediação do crítico Mario Abbade, e promete provocar o público sobre os rumos do audiovisual contemporâneo. Já no dia 6 de fevereiro, às 13h30, Abbade ministra o Curso de Crítica Cinematográfica, atividade de três horas aberta a interessados de diferentes formações, que aborda fundamentos da escrita crítica em diálogo com o crescente protagonismo das plataformas digitais, blogs e sites especializados.

A edição de 2026 também marca avanços significativos em acessibilidade cultural. Sete sessões contarão com recursos de audiodescrição, legenda descritiva e interpretação em Libras, disponíveis por meio do aplicativo Movie-Reading, compatível com sistemas IOS e Android. Entre os filmes contemplados estão “A Hora do Mal”, “O Último Azul”, “Pecadores”, “Superman”, “Uma Batalha Após a Outra”, “Conclave” e “O Agente Secreto”, permitindo que pessoas com deficiência vivenciem a experiência cinematográfica de forma autônoma e plena.

A ACCRJ também elegeu a melhor iniciativa cinematográfica de 2025, título que ficou com a atual curadoria de cinema da TV Brasil, reconhecida pelo destaque dado à produção autoral brasileira na grade de programação da emissora pública. O reconhecimento reforça a importância de políticas culturais que valorizem a diversidade da produção nacional e garantam espaço para obras que, muitas vezes, enfrentam dificuldades de circulação no circuito comercial.

SERVIÇO
MOSTRA OS MELHORES FILMES DO ANO DE 2025
CAIXA Cultura (Rua do Passeio, 38, Cinelândia)
De 3 a 22, com pausa no caranal
Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (meia)
Programação completa: <https://link.dev/J9HAD>



Alice de Andrade/Divulgação

'Anistia 79', de Anita Leandro, calou fundo no coração do público e do júri da Mostra de Tiradentes

Documentando resistências

Vitória de 'Anistia 79', uma narrativa contra a tortura, na Mostra de Tiradentes, reforça a batalha do cinema, em sucessos como 'O Agente Secreto', para expor traumas da ditadura



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Desde sábado à noite, quando a Mostra de Tiradentes coroou "Anistia 79", da professora da UFRJ e cineasta Anita Leandro, com um par de troféus, consagrando-o como seu filme mais premiado de 2026, a democracia brasileira ganhou um reforço histórico do cinema, em um momento no qual a ditadura militar virou o tema dos filmes nacionais mais consagrados aos olhos de Hollywood. "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, que nos deu o Oscar, depois de oito décadas de espera, reconstituía a luta da advogada e ativista Eunice Paiva (1929-2018) para descobrir o que se passou com seu marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens Beyrodt Paiva (1929-1971). Ele foi levado por agentes de Estado (um estado de farda) para depor e nunca mais voltou.

Ao vender 5,8 milhões de ingressos, em sessões lotadas, que

sempre terminavam em salvas de aplauso indignadas, Waltinho popularizou uma cruzada política pela verdade. De 22 de janeiro para cá, outro sucesso nacional de bilheteria, "O Agente Secreto", posicionou-se no panteão dos longas "oscarizáveis" pelo cinemão americano, ao receber quatro indicações ao prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Sua trama se passa em 1977, época que, de acordo com o roteiro do diretor Kleber Mendonça Filho, foi "cheia de pirraça", à força do retrato do general Ernesto Geisel (1907-1996) nas paredes das repartições públicas.

Custou para que a ficção brasileira tratasse dos anos de chumbo... e de todo o período em que generais governaram este país... com o mesmo nível de ousadia, contundência e até liberdade estilística que o nosso documentário tratou. A escalção de "As Incríveis Artimanhas da Nuvem Cigana" (2016), de Paola Vieira e Claudio Lobato, pela TV Brasil, esta noite, às 21h, é uma boa amostragem do quanto nossa produção documental foi atenta aos ranços do golpe. É o retrato de como poetas reagiram à violência fardada de 21 anos de opressão das Forças Armadas. Não há como se esquecer de "Cabra Marcada Para Morrer", de Eduardo Coutinho (1933-2014), que é um farol para Kleber e para

OS VENCEDORES DA 29ª MOSTRA

Melhor Curta – Júri Popular

★ Recife tem um coração | Realização: Rodrigo Sena (RN)

Menção honrosa Mostra Formação | Júri Formação

★ Diálogo Bulbul | Realização: Bruno Churuska, Gledson Augusto, Nicole Mendes, Yan Altino e Zimá Domingos (SP/RJ/ES/BA)

Melhor Curta – Mostra Formação | Júri Formação

★ De Barriga pra cima | Realização: Equipe IMA e Moradores da Comunidade Quilombola de Monte Alegre (ES)

Melhor Curta – Mostra Foco | Júri Oficial

★ Entrevista com fantasmas | Realização: LK (RS/SP)

Melhor Curta – Prêmio Canal Brasil de Curtas

★ Grão | Realização: Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa (RS)

Prêmio Abraccine – Melhor Longa | Mostra Autorias

★ Atravessa minha carne | Realização: Marcela Borela (GO/DF)

Melhor Longa – Mostra Aurora | Júri Jovem

★ Para os guardados | Realização: Desali e Rafael Rocha (MG)

Prêmio Helena Ignez – Destaque Feminino | Júri Oficial

★ Gabriela Mureb | Diretora do filme Crash (Munique/RJ)

Prêmio Carlos Reichenbach – Melhor Longa | Mostra Olhos Livres

★ Anistia 79 | Realização: Anita Leandro (RJ)

Melhor Longa – Júri Popular

★ Anistia 79 | Realização: Anita Leandro (RJ)

Waltinho, e que utilizou um dispositivo investigativo a fim de falar dos envolvidos na filmagem de um experimento de denúncia que foi silenciado em 1964.

"Anistia 79" calou fundo no coração de Tiradentes ao apostar nessa toada de investigar silêncios de outrora. Paralelamente a eles, a realizadora investiga, sobretudo, vozes que ousaram se levantar contra um Planalto de fuzis e quepe. Coube à delicada narrativa de Anita Leandro o Prêmio

Carlos Reichenbach (batizado em homenagem ao realizador de "Garotas do ABC", que foi um estandarte da luta antifascista) e a láurea de júri popular. Sua narrativa se remonta a uma agitação política em Roma, em junho de 1979. Naquela data, exilados filmam a Conferência Internacional pela Anistia no Brasil, o maior encontro da esquerda brasileira fora do país. Cerca de meio século depois, essas imagens reacendem o debate sobre a manutenção do aparato re-

pressivo da ditadura e a impunidade dos torturadores.

Ao operar nesse meridiano, a documentarista reforça o coro de bons longas que narram as brutalidades estatais cometidas nos 21 anos em que oficiais militares tomaram o governo e suspenderam a democracia. Os argentinos viveram situação similar, igualmente sangrenta, e a exorcizaram, no cinema, com "A História Oficial", de 1985, e "Argentina, 1985", de 2022, com direito a outros sucessos no caminho. Em veredas ficcionais, o Brasil reagiu (em sua cinefilia) ao avanço dos comandantes fardados já no ato do golpe, com "O Desafio" (1965), de Paulo César Saraceni (1933-2012). Uma nova reação de peso brotaria das telas em 1982, com direito a uma indicação ao Urso de Ouro de Berlim e 1,3 milhão de ingressos vendidos em circuito: "Pra Frente, Brasil", de Roberto Farias (1932-2018). Cerca de 15 anos depois, Bruno Barreto tomou as telas de assalto com "O Que É Isso, Companheiro?", que também concorreu na Berlinale, falando do sequestro do embaixador americano (vivido por Alan Arkin). Fora isso, desde os anos 1980, a realizadora Lucia Murat fez dos Anos de Chumbo o assunto de seus dramas, incluindo "Quase 2 Irmãos" (2005) e o recente "O Mensageiro" (2023). Em 2019, o mesmo Wagner Moura que briga por um Oscar, agora com "O Agente Secreto", arriscou-se (muito bem) na realização relembrando heroísmos possíveis (e poéticos) em "Marighella", só lançado em 2021, em meio à pandemia, cerceado pelo governo de Jair Bolsonaro.

No documentário, fora o realce dado alguns parágrafos acima a "Cabra Marcada Para Morrer", merece destaque toda a obra de Silvio Da-Rin ("Hércules 56"), que nos deixou na semana passada, e parte considerável da filmografia de Vladimir Carvalho (como "Barra 68"), além do trabalho aguerrido de Emília Silveira ("Setenta"). Essas vozes autorais expuseram a violência da ditadura em um dos maiores territórios da América do Sul. Apesar desse sortimento, faltava uma catarse... sobretudo de retumbância popular, que fosse capaz de reverberar pelo mundo... em termos ficcionais. Walter goleou essa nossa angústia com "Ainda Estou Aqui". Kleber vem agora arrematar a partida, num sinal de que o risco de agentes militares se arvorarem a tomar o Brasil de novo pode sempre rondar os ares da pátria.

A Mostra de Tiradentes, que a premiou, festejou a prata da casa - no caso, as novas estéticas de Contagem, em MG - na premiação de sua seção mais concorrida, a Aurora, concedendo seu prêmio anual a um experimento de 58 minutos chamado "Para Os Guardados", realizado por Desali e Rafael Rocha. Nele, o público vai até a periferia mineira, onde um rapaz, Fael, mantém laços com encarcerados.



Ana Hirszmann/Divulgação

'Losango Cáqui' relê obra em que Mário de Andrade resumiu como um diário de sua passagem pelo Exército

Memórias de Mário

Grupo paulista Companhia do Latão apresenta 'Losango Cáqui' no Teatro Vianinha com temporada gratuita

Um dos coletivos teatrais mais importantes do país, a Companhia do Latão desembarca no Rio para uma temporada especial no Teatro Vianinha, no Armazém da Utopia. De 4 a 7 de fevereiro, o grupo paulista

apresenta "Losango Cáqui", espetáculo baseado no livro de poemas homônimo de Mário de Andrade, um dos pilares do modernismo brasileiro.

A montagem é uma encenação poética e coreográfica que dialoga com a obra literária de Mário de Andrade, definida pelo próprio au-

tor como um "diário de três meses" feito de sensações, ideias, alucinações e brincadeiras liricamente anotadas. Os textos abordam o período em que o escritor esteve no exército, reconvocato para manobras militares em 1922, momento de intensa convulsão política no Brasil. Andrade contrasta os exercícios do quartel

com suas paixões e amores, formando uma multiplicidade de "afetos militares" que servem de matéria-prima para a dramaturgia cênica.

O espetáculo foi criado originalmente para o evento comemorativo dos 130 anos de nascimento de Mário de Andrade e apresentado inicialmente em apenas três ocasiões. Trata-se de uma encenação coral com nove artistas em cena, que combina coreografias, enunciação lírica e dramas amorosos, tendo como elemento funda-

mental a música ao vivo executada pelo pianista Lincoln Antonio. A proposta cênica encerra a mostra da Companhia do Latão no projeto Em Boa Companhia justamente por seu caráter poético, experimental e inventivo, configurando-se como uma encenação dançante que celebra a vida e se entusiasma com a possibilidade das boas mudanças.

A relação da Companhia do Latão com a obra de Mário de Andrade não é recente e acompanha o grupo desde suas primeiras criações. Entre os destaques dessa trajetória estão os experimentos cênicos em torno da ópera "Café", encenada por Sérgio de Carvalho em 2022 no Theatro Municipal de São Paulo, e o projeto "Noites de Mário", realizado em 2023 a convite da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, que teve sessões lotadas e apresentações únicas. Do conjunto de encenações e leituras cênicas realizadas ao longo dos anos sobre o universo do escritor modernista, "Losango Cáqui" se destaca como espetáculo autônomo e voltou a ser apresentado em 2025, ganhando agora circulação nacional.

SERVIÇO

LOSANGO CÁQUI

Teatro Vianinha (Armazém da Utopia - Armazém 6, Cais do Porto, s/nº)

De 4 a 7/2, às 19

Ingressos gratuitos com retirada no www.sympla.com.br

CRÍTICA STAND UP | RODRIGO MARQUES

POR PEDRO SOBREIRO

Humor e reflexão

No último sábado (30), o Qualistage recebeu mais um espetáculo do festival "Humor Contra-Ataca!", que está em sua terceira edição. Desta vez, a noite foi tomada pelo humor pernambucano. A abertura foi realizada pelo comediante Júnior Chicó e a atração principal foi Rodrigo Marques, que ficou famoso após integrar o elenco do humorístico "A Culpa É do Cabral!", sucesso no extinto canal por assinatura "Comedy Central".

A popularidade de Marques parece só ter crescido após o fim do programa, o que se refletiu na quantidade impressionante de público que ele atraiu neste último fim de semana. Foram mais de 2 mil pessoas que lotaram o Qualistage para prestigiar uma apresentação de texto extremamente ácido e afiado.

Apesar de ambos os comediantes seres recifenses, cada um conduziu seu show com propostas diferentes. Enquanto Chicó apostou em um show voltado para a identificação, contando os perrengues que enfrentou em seu processo de adaptação a cidades como Rio e São Paulo, além de brincar com suas experiências sendo um homem LGBT



Divulgação/Lally Zwetzech

Rodrigo Marques apresentou "História de Pescador", show de texto ácido e afiado que levou o público às gargalhadas e à reflexão

no meio da comédia, Rodrigo Marques veio explosivo com um texto voltado à reflexão, pegando grande parte do público desprevenida com perguntas sobre fé, religiões e temas em alta na sociedade atual, como política e o politicamente correto.

Chicó abriu a noite com leveza, preparando o terreno para Marques descascar, sem dó ou piedade, temas extremamente sensíveis de forma

hilária. Logo no início da apresentação, a cerimonialista introduziu Rodrigo e pediu ao público que não buscasse interagir com o humorista, porque ele mesmo procuraria a

plateia para fazer as brincadeiras. O pedido não foi atendido por um cidadão, que ficou tentando complementar as piadas em voz alta. Na presença desse mala-sem-alça, Marques conseguiu arrancar risadas da plateia enquanto despachava o cidadão com seu jeito ácido.

Uma situação que poderia ser bastante desagradável, visto que essas interrupções atrapalham o es-

petáculo, acabou sendo contornada com humor pelo comediante. Por outro lado, quem foi convidado a participar talvez tenha se arrependido. Como sua apresentação se chama "História de Pescador", o humorista conversou com católicos e evangélicos convictos com reflexões sobre religião na sociedade atual. A grande piada do show foi essa brincadeira com a Bíblia, que foi escrita pelos apóstolos, que eram, em grande parte, pescadores. E como histórias de pescadores não são muito levadas a sério, Marques faz essa sátira, mas de forma inteligente.

É muito fácil zombar da religião alheia, mas Rodrigo Marques consegue extrair a comédia sem cair na mesmice das críticas às diferentes vertentes cristãs. Suas piadas começam com reflexões filosóficas e reconstruções históricas, aplicando conhecimento de forma satírica. E o mais engraçado de tudo isso é que mesmo entrando nessa proposta da paródia reflexiva, o texto de Marques ainda consegue dialogar intrinsecamente com a base religiosa, fazendo com que muitos fiéis identifiquem essas críticas e saiam da apresentação ainda mais certos de sua fé.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Shakira e DJ Bizzarap: acusados de plagiar canção brasileira

Compositores acusam Shakira de plágio

Os compositores Ruan Prado, Luana Matos, Patrick Graue e Calixto Afiune e o espólio de Rodrigo Lisboa, que no ano passado acusaram Shakira de plágio, formalizaram o processo, que será julgado pela Justiça fluminense. Eles acusam a cantora colombiana e o DJ argentino Bizzarap de copiarem partes da música “Tu Tu Tu” para criar “Bzrp Music Sessions vol. 53”, de 2023.

O advogado Fredímio Trotta afirma que os compositores pedem reconhecimento de plágio e atribuição na coautoria da canção de Shakira. Exigem ainda indenização por danos morais, no valor de R\$ 20 mil para cada - R\$ 100 mil ao todo, e materiais, de valor ainda incerto, a depender da sentença e da apuração do quanto foi arrecadado pela música que é alvo do processo.

Roteirista de Panahi é preso

Mehdi Mahmoudian, roteirista do filme “Foi Apenas um Acidente” de Jafar Panahi, foi preso no Irã, ao lado de outros dois signatários de uma carta com críticas ao líder do país, o aiatolá Ali Khamenei. As informações foram divulgadas pela Neon, distribuidora do filme de Panahi nos Estados Unidos. O cineasta também é signatário do documento, assim como outros intelectuais iranianos. No Oscar, o trabalho concorre aos prêmios de melhor roteiro original e melhor filme internacional, ao lado de “O Agente Secreto” e “Valor Sentimental”.

Wagner em alta

Em alta no mercado, Wagner Moura vai estrear um remake de “Gosto de Cereja”, filme do diretor iraniano Abbas Kiarostami que ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes, em 1997. A informação foi confirmada durante uma entrevista do ator para a revista Variety.

Wagner em alta II

Dirigido pelo argentino Lisandro Alonso, a nova versão do filme deve recontar a história de um homem que planeja se matar, mas tem dificuldade para encontrar alguém que esteja disposto a enterrar seu corpo. As filmagens do remake devem começar ainda neste ano.

Uma polêmica nada artificial

Darren Aronofsky lançou os primeiros episódios de “On This Day... 1776”, seriado feito por inteligência artificial. Os capítulos, com cerca de quatro minutos cada, estão no YouTube da revista Time e retratam a Revolução Americana, que levou à expulsão dos britânicos e à formação dos Estados Unidos. O lançamento gerou diversas críticas contra o diretor pelas redes.



Divulgação



Isabela Espindola/Divulgação

Tony Canto e Celso Fonseca com o produtor Max de Tomassi (centro)

Conexão Brasil-Itália

Celso Fonseca e Tony Canto celebram convergências entre dois gigantes da música popular do século 20 em álbum que revisita repertório de Tom Jobim e Domenico Modugno

AFFONSO NUNES

Um diálogo musical entre os compositores Antônio Carlos Jobim e Domenico Modugno, referências fundamentais das músicas italiana e brasileira. Esse é o mote de “Jobim-Modugno” (Biscoito Fino), álbum no qual os músicos, cantores e compositores Celso Fonseca e Tony Canto celebram clássicos dos mestres em versões ora originais, ora bilíngues. O projeto foi idealizado pelo produtor italiano Max De Tomassi.

Antônio Carlos Jobim é um dos pais da bossa nova, movimento que revolucionou a música brasileira. Pianista, compositor e arranjador, Jobim criou obras-primas como “Garota de Ipanema”, “Wave”, “Desafinado” e “Águas de Março”, que se tornaram standards do jazz mundial.

Domenico Modugno foi cantor, compositor, ator e político. Modernizou a canção italiana. Seu maior sucesso, “Nel blu dipinto di blu” (mais conhecida como “Volare”), apresentada no Festival Eurovisão da Canção de 1958, tornou-se um fenômeno global e uma das músicas mais gravadas da história. Modugno inovou ao mesclar tradi-



Divulgação

ção mediterrânea com influências internacionais, quebrando padrões da música italiana de sua época.

As convergências entre Jobim e Modugno são grandes. Ambos nasceram em janeiro com apenas um ano de diferença, faleceram no mesmo ano de 1994 e transformaram radicalmente as tradições musicais de seus países. Jobim sofisticou o samba, Modugno modernizou a canção italiana.

Para Fonseca, o projeto caiu como uma luva. “Foi com grande alegria que recebi o convite para gravar o álbum ‘Jobim-Modugno’ com Tony Canto. Jobim é um dos meus compositores favoritos de todos os tempos, e Modugno é um grande compositor. Só o fato de ter feito ‘Nel blu di pinto de blu’ já o teria credenciado para ocupar lugar de grande importância no can-

cioneiro internacional, mas ele fez outras maravilhas. Isso o coloca ao lado do Tom. Tony Canto, por sua vez, é um grande intérprete, além de um compositor excelente, mais do que qualificado para participar de um projeto como esse. Foi um grande prazer gravar esse álbum com ele”, destaca o músico carioca.

Celso Fonseca e Tony Canto possuem trajetórias artísticas similares. O italiano Tony Canto já havia lançado dois álbuns com harmonias e ritmos inspirados na música brasileira, com melodias tipicamente italianas. “Casa do Canto”, seu disco mais recente gravado no Rio, trouxe um dueto com Celso Fonseca em “Parlami d’amore Mariu”, clássico da música italiana de 1932. O carioca Celso Fonseca, autor de “Slow Motion Bossa Nova” em parceria com Ronaldo Bastos, bossa influenciada por Jobim, também é admirador da música italiana, tendo feito uma leitura tipicamente brasileira para “La più bella del mondo”.

Além dos dois artistas, o álbum conta com a participação da cantora Ana Vilela nos vocais de “Wave”, e do músico Gabriel Grossi em “Fotografia”, clássicos de Jobim. A ideia do produtor Max De Tomassi é montar um show baseado no repertório do álbum, celebrando esse encontro de tradições musicais.



Lorando Labbe /Fotoarena/Folhapress

Baianos e universais

Caetano e Bethânia conquistam Grammy de música global com álbum ao vivo gravado em Salvador; cerimônia foi marcada por protestos contra políticas migratórias dos EUA

Caetano Veloso e Maria Bethânia durante show da turnê do premiado álbum



AFFONSO NUNES

Caetano Veloso e Maria Bethânia entraram para a seleta lista de artistas brasileiros premiados no Grammy ao vencerem, na noite de domingo (1), a categoria de melhor álbum de música global com “Caetano e Bethânia Ao Vivo”. Os irmãos baianos foram os únicos representantes do Brasil entre os indicados desta 68ª edição da premiação, realizada na Crypto. com Arena, em Los Angeles (EUA). Os artistas não compareceram à cerimônia, que foi transmitida no Brasil pela TNT e pelo HBO Max.

O álbum vencedor registra a turnê que os dois fizeram juntos, com passagens por diferentes cidades brasileiras, incluindo apresentação memorável em Salvador. O reconhecimento internacional coroa a trajetória de dos mais importantes artistas da MPB, gigantes desde os primórdios do tropicalismo nos anos 1960.

A vitória de Caetano e Bethânia aconteceu em uma noite marcada por forte tom político, com diversos artistas usando seus discursos para protestar contra a atuação do ICE (Serviço de Imigração e Controle de Alfândega dos Estados Unidos), que vem intensificando ações contra imigrantes no país. O porto-riquenho Bad Bunny, um dos principais vencedores da noite com o Grammy de melhor álbum de música urbana por “Debí Tirar Más

Fotos”, foi enfático em seu discurso ao dizer: “Fora ICE. Não somos selvagens, animais ou alienígenas. Somos seres humanos e somos americanos”. A fala preencheu a arena de aplausos e deu o tom do que seria uma cerimônia repleta de manifestações políticas.

A cantora Kehlani, ao receber o prêmio de melhor performance de R&B por “Folded”, xingou o ICE com palavrão. Já Shaboozey dedicou sua vitória em melhor performance de country em duo ou grupo “aos imigrantes que construíram os Estados Unidos”, enquanto Olivia Dean, vencedora de artista revelação e neta de imigrantes, creditou seu prêmio à coragem de seus antepassados.

Entre os principais destaques da noite, o rapper Kendrick Lamar confirmou seu status de protagonista ao conquistar o Grammy de melhor álbum de rap pelo disco “GNX”. Lamar foi o artista mais nomeado desta edição e disputou as categorias principais ao lado de nomes como Bad Bunny e Lady Gaga. A cantora pop, por sua vez, levou o prêmio de melhor álbum de pop vocal e havia vencido anteriormente, durante a pré-cerimônia, os troféus de melhor gravação de dance pop e melhor gravação remixada por versões do sucesso “Abracadabra”.

A cerimônia teve início com uma apresentação de Bruno Mars e Rosé cantando “Apt.”, indicada às categorias de gravação do ano e música do ano. O evento foi apresentado pelo humorista Trevor Noah pela sexta e última vez consecutiva. Em seu discurso de abertura, Noah citou a prisão de Diddy, rapper e magnata da música condenado a quatro anos e dois meses de prisão por transporte de mulheres para fins

OS VENCEDORES DO GRAMMY 2026

- Artista Revelação: Olivia Dean
- Produtor do Ano, Não-Clássico: Cirkut
- Compositor do Ano, Não-Clássico: Amy Allen
- Melhor Performance de Duo ou Grupo Pop: Cynthia Erivo & Ariana Grande - “Defying Gravity”
- Melhor Álbum Pop Vocal: Lady Gaga - “Mayhem”
- Melhor Gravação de Dance Pop: Lady Gaga - “Abracadabra”
- Melhor Gravação de Dance/Eletrônica: Tame Impala - “End of Summer”
- Melhor Álbum de Dance/Eletrônica: FKA twigs - “Eusexua”
- Melhor Álbum Pop Vocal Tradicional: Laufey - “A Matter Of Time”
- Melhor Álbum de Rock: Turnstile - “Never Enough”
- Melhor Música de Rock: Nine Inch Nails - “As Alive as You Need Me to Be”
- Melhor Performance de Rock: Yungblud, Nuno Bettencourt & Frank Bello Featuring Adam Wakeman & II - “Changes”
- Melhor Performance de Heavy Metal: Turnstile - “Birds”
- Melhor Performance de Música Alternativa: The Cure - “Alone”
- Melhor Álbum de Música Alternativa: The Cure - “Songs of a Lost World”
- Melhor Performance de R&B: Kehlani - “Folded”
- Melhor Performance de R&B Tradicional: Leon Thomas - “Vibes Dont Lie”
- Melhor Álbum de R&B: Leon Thomas - “Mutt”
- Melhor Álbum de R&B Progressivo: Durand Bernarr - “Bloom”
- Melhor Álbum de Rap: Kendrick Lamar - “GNX”
- Melhor Música de Rap: Kendrick Lamar Featuring Lefty Gunplay - “TV Off”
- Melhor Performance de Rap: Clipse, Kendrick Lamar, Pusha T & Malice - “Chains & Whips”
- Melhor Performance de Rap Melódico: Kendrick Lamar & SZA - “Luther”
- Melhor Performance de Jazz: Chick Corea, Christian McBride & Brian Blade - “Windows (Live)”
- Melhor Álbum de Jazz Vocal: Samara Joy - “Portrait”
- Melhor Álbum de Jazz Instrumental: Sullivan Fortner - “Southern Nights”
- Melhor Álbum de Grande Conjunto de Jazz: Christian McBride - “Without Further Ado, Vol 1”
- Melhor Álbum de Jazz Latino: Gonzalo Rubalcaba, Yainer Horta & Joey Calveiro - “A Tribute to Benny Moré and Nat King Cole”
- Melhor Álbum de Jazz Alternativo: Nate Smith - “Live-Action”
- Melhor Performance de Country Solo: Chris Stapleton - “Bad as I Used to Be”
- Melhor Performance de Country em Duo ou Grupo: Shaboozey & Jelly Roll - “Amen”
- Melhor Música de Country: Tyler Childers - “Bitin List”
- Melhor Álbum de Country Tradicional: Zach Top - “Aint in It for My Health”
- Melhor Álbum de Blues Tradicional: Buddy Guy - “Aint Done With the Blues”
- Melhor Álbum de Blues Contemporâneo: Robert Randolph - “Preacher Kids”
- Melhor Álbum de Pop Latino: Natalia Lafourcade - “Cancionera”
- Melhor Álbum de Música Urbana: Bad Bunny - “Debí Tirar Más Fotos”
- Melhor Álbum Latino de Rock ou Alternativo: Ca7riel & Paco Amoroso - “Papota”
- Melhor Álbum de Música Global: Caetano Veloso e Maria Bethânia - “Caetano e Bethânia Ao Vivo”
- Melhor Performance de Música Global: Bad Bunny - “Eoo”
- Melhor Performance de Música Africana: Tyla - “Push 2 Start”
- Melhor Vídeo: DoeChii - “Anxiety”
- Melhor Capa de Álbum: Tyler, the Creator - “Chromakopia”
- Melhor Trilha Sonora para Mídia Visual: Ludwig Göransson - “Pecadores”
- Melhor Canção Escrita para Mídia Visual: EJAE e Mark Sonnenblick - “Golden” (HUNTR/X)
- Melhor Gravação Remixada: Gesaffelstein - “Abracadabra (Gesaffelstein Remix)” (Lady Gaga, Gesaffelstein)
- Melhor Filme Musical: “A Música de John Williams”

de prostituição, entre as mudanças no mundo musical que aconteceram desde a última vez que Lauryn Hill se apresentou no Grammy, há quase três décadas. Hill retornou ao palco da premiação para apresentar um tributo aos artistas D’Angelo e Roberta Flack.

Sabrina Carpenter subiu ao palco vestida de aeromoça para apresentar “Manchild”, música indicada às categorias de gravação do ano e

música do ano. As apresentações dos músicos concorrentes ao prêmio de artista revelação também se destacaram, com The Marias, Addison Rae, Katseye, Leon Thomas, Alex Warren, Sombr e Dean se revezando antes que a britânica Dean recebesse o troféu.

Outro momento que chamou a atenção aconteceu antes da entrega do prêmio de melhor álbum de música urbana para Bad Bunny, quando

o comediante Marcello Hernández, que apresentou a categoria ao lado de Karol G, homenageou músicos latinos. “Minha mãe nos acordava às 8h para limpar a casa e tocava Gloria Estefan, Juan Luís Guerra”, disse Hernández. “Os músicos dessa categoria estão definindo a sua geração, representando todos os latinos e estão deixando as músicas que os meus filhos vão ter de ouvir fazendo faxina”, acrescentou.

O destino guia a Tuiuti



Carnavalesco revela como a escola levará à Sapucaí uma narrativa espiritual, histórica e humana



RAFAEL LIMA

A Paraíso do Tuiuti entra na reta final de preparação para o Carnaval de 2026 apostando em mais um enredo de forte densidade simbólica. Em entrevista ao Correio da Manhã, o carnavalesco Jack Vasconcelos explicou os caminhos de “Lonã Ifá Lucumí”, tema que conduz o desfile da escola de São Cristóvão e acompanha o destino do Ifá ao longo da história da humanidade, da criação do mundo à sua expansão pelas Américas.

Lonã significa destino, conceito que organiza toda a narrativa. Orúmila, orixá responsável pela comu-

nicação entre os orixás e os humanos por meio do jogo do Ifá, é o eixo central do desfile. “Ele é o senhor do destino. Ele conhece o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro. Ele é o testemunho da criação de tudo e de todos”, afirma Jack.

A abertura do desfile apresenta a criação do universo, da natureza e dos homens a partir da cosmovisão iorubá, estabelecendo o papel do Ifá como orientador da humanidade. A partir daí, a Tuiuti constrói uma caminhada espiritual e histórica que conecta fé, tradição e reflexão sobre o presente.

No primeiro setor, o desfile se concentra em Ifé, considerada pela cultura iorubá a primeira cidade da humanidade. É ali que Orúmila



fotos/Divulgação

transmite o conhecimento do Ifá aos primeiros babalaôs, responsáveis por levar essa sabedoria ao mundo. “Eles recebem a missão de espalhar o Ifá pela humanidade”, explicou o carnavalesco.

O enredo acompanha a expansão desse conhecimento por diferentes civilizações, seguindo antigas rotas africanas. O Ifá chega a regiões como Cuxe, Kemet, o atual Egito, e até a Mesopotâmia, influenciando populações e líderes como um sistema de orientação espiritual e social.

O desfile avança para a diáspora africana e a chegada do Ifá às Américas, com foco no Lucumí, tradição desenvolvida em Cuba. Jack explica que o recorte também dialoga com a chegada de um babalaô cubano ao Rio no fim dos anos 1990. “Esse Ifá Lucumí encontra aqui um solo fértil, floresce para o Brasil inteiro e agora para o mundo também”, disse.

A narrativa aborda o tráfico de africanos escravizados e o encontro entre os orixás e as ancestralidades já existentes no Caribe. Segundo o carnavalesco, trata-se de uma fusão espiritual profunda, que permitiu ao Ifá se reinventar e florescer em novas terras.

A grandiosidade estética acompanha o conceito. O abre-alas será um dos maiores já levados pela escola à Sapucaí, com cerca de 60 metros de comprimento. “A gente está indo com tudo”, resumiu Jack. No encerramento, o desfile assume tom mais reflexivo. “A missão da Tuiuti é mostrar que todos estamos interligados. Todas as ações geram consequências, físicas e espirituais”, afirmou.

O Carnaval atual da Paraíso do Tuiuti também passa, necessariamente, pelo protagonismo de Mayara Lima. Rainha de bateria, ela se consolidou como um dos principais símbolos da escola, ampliando a visibilidade da agremiação dentro e fora da Avenida.

Em entrevista exclusiva, Mayara destacou o peso simbólico do cargo. “É uma grande responsabilidade. Para além do cargo, é sobre representar e dar continuidade a um legado de outras mulheres. Eu carrego o sonho de muitas crianças e essa é uma das minhas missões: trazer brilho pro olhar das meninas de comunidade e orgulho pra toda a comunidade do samba”, afirmou.

A conexão com o enredo de 2026 também se reflete na preparação artística. “Nosso enredo fala sobre o Ifá e comecei a estudar imediatamente sobre a religião”, contou. A adaptação da dança acompanha a proposta musical da bateria, que mistura samba com ritmos cubanos. “Teremos referências a salsa, merengue e ao batuque afro-cubano. Pensei em uma outra forma de representar esse enredo também na minha dança”, explicou.

Um dos vídeos de Mayara dançando ao som dos atabaques ultrapassou 13 milhões de visualizações, ampliando o alcance da escola no pré-Carnaval. “Esse vídeo mostra toda a ancestralidade da Paraíso do Tuiuti”, destaca.